JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DE GUIMARÃES E O DE MAIOR...

Notícias de Guimarães

ANO 19.º N.º 975

GUIMARÃES, 24 de Setembro de 1950

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-R Tel., 4313

Comp. e Imp., *Tip. Ideal.* Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Assistência Escolar

II

Dado que a Escola, na sua elevada e transcendente missão, prepara as crianças para a vida, ministrando-lhes uma educação completa e integral, a função do Professor é, consequentemente, do mais puro e lídimo sacerdócio.

Não se limita a sua acção às horas regulamentares que a Lei preceitua, a sua palavra, o seu exemplo edificante e intangível, a sua conduta, em suma, transcendem o limiar da sala de aula, porque da sua personalidade irradia o carinho, abondade, o amor. Ele, como Pai desvelado, ampara e guia, desbravando os cérebros pequeninos, essas flores em botão. E' ainda o estrénuo defensor dos interesses e pretensões da freguesia, cooperando com as autarquias locais, é o membro da Junta, é o conselheiro, pois que todos o procuram, todos o buscam e ele é o forte arrimo, o seguro bordão nos transes e solavancos da vida.

E a todos atende solicitamente, aplica injecções, faz curativos, dá conselhos; colabora em jornais pedagógicos, é o correspondente dos órgãos da imprensa, esforça-se, multiplica-se, num insano labor tantas e tantas vezes incompreendido. A sua missão é um verdadeiro apostolado!

Que me perdoe a escassa e benévola meia dúzia de leitores este ligeiro parêntesis, dado que me propus abordar uma vez mais o problema da assistência médica nas nossas Escolas.

Mas filho de prof.es e sendo-me tão grata a lembrança do meu primeiro e saudoso Mestre, não podia deixar de prestar tão sentida homenagem ao cabouqueiro da instrução popular.

Disséramos, no n.º transacto deste hebdomadário, que nos parecia aceitável como solução, para já, do ingente problema da assistência infantil, a visita à Escola, duas vezes ao menos por mês, do médico da *Casa do Povo*.

As lições de ginástica respiratória, cremo-lo, deveriam ser ministradas única e simplepmente pelo médico, reservando-se ao prof. a parte concernente a jogos educativos, às evoluções, às marchas, à prática da educação física, no seu sentido lato.

Se o objectivo, a finalidade primária das Caixas Escolares é o da assistência, julgo, pois, que a aquisição, por seu intermédio, de alguns medicamentos está no âmbito para que foram criadas.

Assim, seria possível ter uma pequena *farmácia* na Escola, onde não faltasse o alcool, tintura e outros desinfectantes.

Em síntese, a assistência nas nossas Escolas rurais teria, portanto, rápida viabilidade se:

a)—O Médico da *Casa do Povo* a visitasse quinzenalmente, organizando um ficheiro com o desenvolvimento físico de cada aluno, cooperando nesse sentido o prof., informando do temperamento, do carácter e gostos dominantes da criança;

b)—O Médico e o Prof., elaborassem pequenas palestras, acessíveis à mentalidade infantil, sobre higiene e profilaxia, podendo assistir as Famílias;

c)—Com a receita das Caixas Escolares houvesse em cada estabelecimento de ensino alguns medicamentos de uso comum;

d)—Refeições aos alunos pobres onde existisse cantina e organização de colónias de férias, quando possível.

Não basta que o prof. diga, elucide as crianças dia a dia, insistentemente, dos cuidados que requere a higiene, a lavagem da boca.

Seria aconselhável que essa prática começasse a ser adoptada na Escola, habituando a criança à desinfecção da boca.

Segundo A. Willians, em 1922, uma percentagem de 61 crianças de Nova Yorca tinha as gengivas afectadas. E' frequente vermos os alunos das nossas Escolas sofrendo já de piorreia alvéolar, de gengivites, da cárie.

Por isso, sugerimos que se fizesse na Escola a lavagem da boca, a sua desinfecção com qualquer elixir.

Não receamos as críticas dos que nos venham acusar da impossibilidade de tais tratamentos profilácticos e terapêuticos numa sala de aulas, sob a vigilância e orientação do professor.

Essas críticas só poderiam vir dos tais puritanos, dos pseudo-intelectuais, dos presunçosos do botequim...

Mas, como esses nada fazem, deixemos os zoilos, os tais críticos de meia tigela...

Esperamos que algum médico ou prof. se refira, se pronuncie, dê a sua categorizada opinião no assunto em causa.

Problemas como o da assistência infantil, de tão largo alcance, de tão vasta projecção no campo educativo, e em especial no tocante ao desenvolvimento e saúde da nossa juventude, carecem, sei-o, de profundo estudo, ponderada atenção.

Mas as sugestões apresentadas, talvez—se atendíveis—dessem algum resultado—a bem da educação!

Prof. Joaquim Martins Lima.

Mudança de hora

De conformidade com o que está superiormente determinado os relógios serão atrasados 60 minutos às 3 horas do dia 1 de Outubro, começando, assim, a vigorar a Hora de Inverno.

Maria da Esperança

(A' Ex.ma Sr.a D. Camila de Sousa Machado, do Solar da Ribeira).

Vem longe o sol, em matinal horário,
E' *Esp'rança*—, a linda e tímida zagala,
Lá corta a festo, o Monte do Ladário,
Com pé ligeiro, que ninguém iguala.

Roca na mão, descalça, traje em gala,
Corpete e saia de c'lorido vário,
Não é de amor, nem de paixão vassala,
E traz pendente à cinta o seu Rosário.

Ama os cerrados, fragas e remansos
E as cabras ruças e os cabritos mansos
Enchem-lhe a alma de alegria infinda...

Monte da Graça, Val-de-Bouro agreste,
Bendito o reconforto, que me deste,
—Bendita sejas tu, zagala linda...

Val-de-Bouro,
Setembro de 1950.

MENDES SIMÕES.

S. Frey Gualter de Guimarães

Pequena resenha histórica — Apontamentos

IV — Documentos

(Continuação do n.o 974)

«Alvará de Confon» (?) (1)

«O Dr. Ant.º Benavenutto Jorge (...) (2) / deSua Mag.de que DrEde (2) eseu Gou.no e couttador / da Realfaz.de emesta v.a deguim.es e Suacond.a e / (...) Fassosaber Aos que oprest.e emeu Alvara / deConfirmassao vierem e o conheçim.to dellepertencer / (...) por elleconfirmo e hey por confirmad(os) ospresentes Estatutos quehão deServir p.a obom / Regimem egoverno da Irmd.de deSgoalter / colloquada no com.º de S. Fran.º desta villa / emando sobservem cumprão e gardem comene / lles se coutemp.a oquelheitoponho minha / Atori.de edecretto (...) e quecumprirão (?) / (...) Dado SobomeuSinaleSello nesta v.a deguim.es / Aos 1 (?) de Junho de 777 des te 60 e de aSi / n.a eSello 69 e Eu Bento desouzaguimmarães / es crivao da Prouedr.a (...) / — (à margem esquerda da lauda — 69) (a) Dr. Antonio Benevenuto Jorge / Aosello / (inelegivel) / Dor Jorge» (3)

NOTAS:

(1) No n.º 974 — de domingo 17 do corrente — transcrevendo a *Petição* dos *Confrades* e *Devotos* do *Millagroso S. Gualter do Convento de S. Francisco desta Villa de Guimarães* ao *Provedor* Dr. Benevenuto Jorge para «...passar alvara de confirmação...» dos Estatuos da Irmandade (1777) digo: «De facto lh'o passou o«Provedor (a) Dr. Antonio Benevenuto Jorge» — é o teor do mesmo *Alvara* que hoje se publica; (Eugénio Vaz Vieira).

(2) Apesar dos esforços feitos não consegui a transcrição completa deste *Documento*, pelo que substituo por (...) as *seis* palavras que me foi impossível, até agora, transcrever; elas, no entanto, não fazem falta essencial à sua leitura e inteligência. (Idem);

(3) «*que DEgde*» — que Deus guarde... (Idem).

(4) Este *Alvara*, transcrito aqui, encontra-se a páginas 22 dos *Estatutos de 1777*.

Quando no n.º 973 — de domingo, 10 do corrente — se transcreveu o *Alvara de D. Filipe III (Lx.a a vinte de Jan.ro de mil e seys centos e vinte e dous)* nas Notas (1) diz-se que a trascrição era feita do *Boletim Mensal das Familias Catolicas — VIII Ano — 2.a Serie — Num. 8* — e diz-se, também, (*que creio o mais moderno biógrafo de S. Gualter de Guimarães*) com referência ao douto Autor «Th G.» da série de artigos no mesmo *Boletim* publicados.

Mais tarde e na *Revista de Guimarães* o mesmo ilustrado, douto e piedoso Filho de S. Francisco — Irmão na Ordem dos Frades Menores do nosso S. Frey Gualter de Guimarães — publicou outra série de artigos — *S. Gualter de Guimarães — / Ensaio biográfico* — e a páginas 126 do *Volume / XXXVIII — N.os 3-4 — Julho-Dezembro / 1928* diz: *Em 1777 — 1.º de Junho — deliberou a mesa e mais cónfrades reünidos em sessão plenária dar-lhe o carácter de Irmandade, com seus estatutos, aprovados pelas competentes autoridades.* ¹ / — ¹ *Não nos foi possivel ver estes estatutos;* ***afirmaram-nos que já não existem.*** (O sublinhado é meu).

Compreende-se bem o sentimento com que o muito Rev. Sr. P.e Aloísio Tomás Gonçalves, escreveu a nota — ¹ —; sentimento nascido dos factos que constatou nos seus dois estudos ao longo, talvez, de 15 anos, em busca de elementos para os seus tão sábios, criteriosos e rigorosos trabalhos de investigação histórica: — o mais que lamentável desvio, da posse da Irmandade de S. Gualter, de livros, documentos, relíquias, etc., etc., referentes ao seu Padroeiro, quiçá, até, de altíssima importância e valor histórico.

Quando em ***27 de Outubro de 1940 — vão completar-se 10 anos!*** — desanexada, eclesiàsticamente e civilmente, da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, de S. Françisco, a Irmandade de S. Gualter (como aquela e a da Senhora do O') canònicamente erecta na igreja de S. Francisco, de Guimarães (igreja do extinto Convento dos Frades Menores, da Vila de Guimarães, ***de que S. Frey Gualter foi o Primeiro Guardião*** (5) por se encontrar a Irmandade em condições de vida e gerência autónomas pela entrada de novos Irmãos, (na sua maior parte, precisamente, dos mais entusiastas e trabalhadores elementos das *Festas de S. Gualter, Gualterianas ou da Cidade*), permitiu Deus — impenetráveis os desígnios da Providência! — que à Mesa da Irmandade de S. Gualter, prèviamente aprovada pela competente e superior Autoridade Eclesiástica, permitiu Deus, dizia, — que a Mesa da Irmandade de S. Gualter, no acto da *Posse* que tivemos a honra de conferir, lhe fossem entregues, com outros Livros antigos, os ***Estatutos de S. / Gualter / Ano de 1777.*** (Ibidem);

(5) «...***Guardião***» — «...s. m. um dos Superiores dos Conventos Franciscanos, e é o Prelado ordinário de cada Convento. (Cfr. o já citado «Dicionário» de António de Morais e Silva — Tomo segundo, pág. 39 — 1.ª col.). (Ibidem).

(Continua).

EUGÉNIO VAZ VIEIRA.

OS LIVROS E AS LEITURAS

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

Não tem razão quem se insurge contra o livro pelo facto de este ocasionar uma ciência livresca afastada da vida real.

E' que o livro não é o causador desse estado de coisas; é o leitor que não sabe ler, não sabe servir-se dele como de um instrumento formativo.

Se alguns pedagogos como Rousseau, Ferrière, Claparede têm impugnado a leitura precoce, é porque antes de ler, convém observar... E, quem observa bem, interroga a realidade com o intuito de compreender. Ora ler, é também observar, é confrontar as ideias do autor com o mundo que nos cerca, com a nossa experiência, com a razão.

A cultura não consiste em ler muitos livros, mas em lê-los bem. E' preciso aprofundar o pensamento, robustecê-lo pela substância que nele fica assinalada como um alimento sádio e forte, como um princípio de vida que nele fica integrado para uma melhor laboração e actividade criadora.

Nem sempre os que lêem muito são os que mais sabem; acontece, por vezes, que chegam ao fim das suas exaustivas leituras e...não sabem nada. O filósofo Hobbes não tinha dúvida em declarar que se tivesse lido tantos livros como os outros, seria tão ignorante como eles.

Não penetram o tema do livro; não compreendem o assunto da obra—e compreender significa (se partirmos da etimologia) tomar consigo, absorver vitalmente; não discutem; não julgam; não criticam; não tiram conclusões. Caem na apatia mental e no automatismo.

Honra-se o escritor quando se lê com atenção, quando se ventilam as suas opiniões, quando se reconhece o esforço empregado na arquitectura das suas teorias, na apresentação das suas teses. Montaigne, que propugnava uma pedagogia sensata, preferindo «*une tête bien fait*» a «*une tête bien pleine*», pretendia que os seus **Ensaios** fossem lidos com ponderação, porque quem os lesse «*dormant*» ou «*fuyant*» não alcançaria o fim que se propunha.

E' que a leitura tem de ser feita numa atitude reflexiva de estudo. Por vezes há necessidade de esgrimir com o autor para evitar a mecanização, a preguiça mental, a passividade. «*Todo o homem, que lê demais e usa o cérebro de menos, adquire a preguiça de pensar*», afirma e muito bem o cientista Alberto Einstein. Com efeito, evitando o esforço da reflexão pessoal, deixa-se de pensar, repetindo sem crítica as opiniões dos outros. O leitor despersonaliza-se, torna-se desatento, dispersivo, incapaz de olhar com curiosidade para

ESCUTISMO

A VISITA DO CORONEL WILSON

O Coronel Wilson, Director do Bureau Internacional de Escutismo, vem hoje a Guimarães, presidindo a uma grande parada escutista da Região de Braga. Efectuar-se-á, por tal motivo, um acampamento em redor do Castelo de Guimarães, onde vão ter lugar algumas cerimónias.

O ilustre visitante, figura notável no Escutismo, deve chegar de manhã a Guimarães, acompanhado por outros dirigentes daquele simpático movimento e, após o desfile, irá almoçar à Penha, retirando à tarde para Braga.

O Centenário

de S. MARTINHO DE DUME

A Comissão Executiva Vimaranense para a celebração do Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península, está assim constituída:

Presidente — Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, João Martins Aldão.

Ex.mos Srs. — Dr. João Almeida Costa, Reitor do Liceu Nacional de Guimarães; Coronel Mário Cardoso, Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento; P.e António de Araújo Costa, Arcipreste de Guimarães; Alfredo Guimarães, Director do Museu de Alberto Sampaio; Rodrigo Pimenta, Representante do Arquivo Municipal de Guimarães; Professor António de Azevedo, Director da Escola Industrial e Comercial de Guimarães.

Conforme noticiámos já, o **Dia de Guimarães**, nas comemorações, será em 20 de Outubro próximo.

Alfredo Guimarães

Esgotou-se, e alcançou já o preço de 400$00 cada exemplar, a obra «Mobiliário do Paço Ducal de Vila Viçosa», da autoria do ilustre académico e escritor Alfredo Guimarães, publicada em Dezembro último pela Livraria Sá da Costa, de Lisboa, e patrocinada pela instituição nacional da «Fundação da Casa de Bragança».

E' a oitava obra de Alfredo Guimarães que, em edições superiores a mil exemplares cada uma, prende o público português e europeu, esgotando-se com pleno sucesso.

Tratando-se de um vimaranense cuja acção intelectual entrou no domínio dos triunfos há mais de quarenta anos, «Notícias de Guimarães» transmite gostosamente esta notícia, quando menos pela razão de que ela representa factos que entraram, com razão absoluta, na mais alta significação da nossa vida intelectual.

o mundo da realidade, permanecendo numa esfera de estreiteza, de acanhamento, de superficialidade. «*Se a leitura,* diz Désiré Roustan, *não for estímulo do espírito, incitação a prolongar pela meditaçãa o ensino do autor, é preguiça*».

Primeiro que tudo importa despertar o interesse, procurar respostas a problemas que prèviamente se puseram, descobrir alguma coisa de novo, verificar se a hipótese formulada é ou não confirmada, rectificar gradualmente as antecipações que se fizeram. Adopta-se o processo de que se servia, em meados do século XIX, o eminente fisiologista Claude Bernard para a observação científica.

O método seguido é semelhante ao usado na conquista das praças ou castelos medievais. Aperta-se o cerco, mobilizam-se as máquinas de guerra, preparam-se as escadas, atacam-se de frente as torres e as muralhas—e os conhecimentos já adquiridos, as hipóteses prévias, as ilações tiradas da experiência, as reacções, as oposições constituem toda essa luta que é sustentada com o fim de penetrar no íntimo da obra, no pensamento do autor.

Alguma coisa se operou em nós: o nosso trabalho mental tornou-nos mais fortes, desenvolveu-nos a argúcia, deu-nos o prazer de interpretar, de surpreender as dificuldades, de ultrapassar os obstáculos de lançar luz...

Esse ardor persistente conquistou-nos a palma da vitória, porque chegamos a desintegrar o livro, a descobrir-lhe as traves mestras, a sua contextura, as suas ideias principais, as suas directrizes, os pontos donde partiu, as conclusões a que chegou.

Quem pratica assim a leitura—a leitura activa, sã e fecunda—detesta, abomina o vício dos livros, esse «*vício impune*» a que alude Valéry Larband. André Maurois encarregou-se de o descrever no seu livro—**Un arte de vivre.**

«*A leitura-vício, diz ele, é próprio dos seres que encontram nela uma espécie de ópio e se libertam do mundo real, mergulhando num mundo imaginário... Não procuram na leitura nem ideias, nem factos, mas esse desfile contínuo de palavras que lhes mascara o mundo e a sua alma*».

Na verdade, os leitores viciosos devoram os livros na ânsia de aventuras excitantes, de dramas pungentes, de proezas inverosíveis. Apodera-se deles uma fome insaciável de ler e experimentam, depois de uma sobrecarga indigesta, o empastamento das sensações, o entorpecimento da memória, o desarranjo da faculdade analítica, a paralização da inteligência criadora.

A paixão exacerbada da leitura não permite a concentração do espírito, o domínio da vontade: absorve e arruína as energias da alma como a contínua vibração desafina o aço.

Desse modo, ¿como pode haver o gosto de pensar por si próprio, de julgar, de passar pela peneira da crítica as ideias e os pensamentos dos outros? ¿Como se pode apreender o plano, notar o valor, as belezas literárias, a vida, o movimento, o intuito moral, filosófico ou instrutivo de cada obra?

Condenemos, uma vez mais, esse vício, essas formas inferiores da leitura que nos degradam, nos debilitam, nos enchem a memória de noções estranhas, desordenadas, e cultivemos os métodos superiores da leitura activa, da leitura instrumento de formação educacional, de aperfeiçoamento da inteligência, de tónico da vontade.

Educação, Turismo e Cultura

Vai adiantado já o mês de Setembro, aproxima-se o fim da época estival, breve terminará a quadra feliz, deliciosa, do veraneio por este Portugal tão lindo, e eu, que não sei nem posso conservar-me quedo durante as férias, mas que também me não limito a passear—antes procuro, ao mesmo tempo, instruir-me de algum modo—, vejo, com desgosto, que dentro em breve terei de encerrar, até melhores dias, o canhenho que sempre me acompanha e no qual costumo arquivar as impressões dos meus passeios.

Foi, portanto, esse canhenho, folheado ao acaso, há pouco tempo, que forneceu matéria para o presente artigo, quando, numa das suas páginas, reli algumas anotações sobre *turismo* — tema oportuno, que nunca é demais tratar, e que requere larga cópia de sugestões a reparar.

Este ano, com efeito, em quase todos os lugares por onde andei como turista, fui de uma infelicidade a toda a prova. Nesses lugares, a que a propaganda dos Jornais, das Guias dos Caminhos de Ferro e dos Hotéis irresistivelmente nos atrai, num desejo sincero de apreciar novos panoramas, de gozar maior conforto, de esquecer, por algum tempo, os golpes morais e físicos que nos vibram, durante o ano, as contingências da profissão, muita coisa atraiçoou aquela fama de «zona de turismo», às vezes «por excelência», que, em cartazes de boa letra, aparatosos, sugestivos, nos habituamos a ver apregoada por esse país além.

Por acaso, ou por constituir velho timbre dos hotéis onde me instalei—nada tenho que dizer contra a mesa e o tratamento desses mesmos hotéis.

Solicitude, prontidão, boa-vontade, asseio, aprumo, são, na verdade, factores apreciáveis de um turismo inteligente e organizado.

Vi, é certo, nalguns periódicos, notícias que denunciavam atitudes menos recomendáveis, abusos, faltas graves, mas, quanto a mim, desta vez, tive a sorte pelo meu lado, o que sinceramente estimei, pois nada há que mais me desagrade, num hotel ou restaurante, do que o pessoal «mal encarado», que só age por meio da «gorgeta» ou na perspectiva dela, que se apresenta mal vestido, enxovalhado, que dá informações «às gotas», sem aquele dom de adivinhar o que ao freguês mais agrade, que não se importa de lhe estender na mesa toalhas rotas, ou, na sua presença, num gesto de excessiva economia, se limita a sacudi-las e a virá-las do avesso...

Quantas vezes, salpicadas ainda do vinho servido aos fregueses anteriores, essas toalhas se mantêm, para os seguintes, num gesto de inconsciência ou de despreso!

Ocorre-me, neste instante, o que me disse, certa ocasião, um velho amigo, quando ambos assistíamos, casualmente, ao acto de descerrar uma lápide de mármore, no canto de uma rua, à qual fora mudado o nome: — «Nas costas daquela lápide, está o nome antigo da rua». Ante o meu espanto, acrescentou: — «E está bem assim; se, um dia, a situação política mudar, é só preciso voltar a lápide outra vez...».

Ora, esta singular mecânica política, que não sei se é adaptada por alguém, afigura-se-me, pelo menos, tão limpa, tão asseada, como a de mudar do avesso a toalha, quando muda o freguês, o mesmo acontecendo — quem sabe! — aos lençóis da cama em que ele se vai deitar...

Repito, porém, que nada disto me aconteceu. Pelo contrário, não tenho senão que louvar o pessoal que me serviu.

De outro tanto não são dignos alguns corretores, certos funcionários, e até determinados agentes da autoridade, para quem as boas palavras nada significam, e que, usando de uma linguagem muito *pessoal*, de estranho *recorte*, em que abundam as tiradas demasiado sonoras, os trocadilhos suspeitos, os termos menos delicados, as exclamações sacudidas, berradas, intempestivas, que o vocabulário nacional nem sequer regista, se tornam menos simpáticas, ou, por outras palavras, causam verdadeira repulsa, e que, talvez sem disso se aperceberem, prejudicam os serviços a seu cargo ou totalmente os desacreditam.

Não sei se todos perfilharão este meu parecer, mas, quer o perfilhem quer não, aqui o deixo convictamente expresso: a linguagem é um factor apreciável em matéria de turismo, e, porque a boa linguagem traduz boa educação e esta — ninguém duvida, creio eu — se torna indispensável num país civilizado e progressivo, é *necessário, indispensável, urgente*, que cada um cuide de requintar as suas maneiras, de moderar os seus assomos, de banir *por completo* aquela espécie de linguagem que nada tem a recomendá-la, que nada recomenda quem dela se utiliza, antes enoja e rebaixa.

Ouve-se, por vezes, afirmar-se: «Quem fala mal, quem se serve de palavras reles, indecentes, é quem não tem educação; a gente do povo fala mal por isso...»

Não é verdade. A gente do povo, a gente das aldeias, pode não ter educação, mas reconhece-o. Mais difícil lhe será distinguir entre a boa e a má linguagem; mesmo assim, dá mostras de desejar expressar-se correctamente quando, por exemplo, «pede licença» para dizer *porco, cavalo, burro,* etc., embora, daí a pouco, não proceda de igual modo, para proferir algum arripiante palavrão.

Não sabe, não pode falar melhor, e, por esse motivo, se lhe perdoa, evocando a falta de educação e de cultura. E', afinal, hábito, uma herança.

Mas que desculpa terão os outros, aqueles que já frequentaram escolas, algumas até de nível superior?

Há um mês, aproximadamente, encontrava-me eu no Buçaco, na formosa mata, que nos enche a alma de bem-estar, quando ali surgiu, vinda do Norte, ruidosa e animada excursão, numa caminheta toda engalanada em redor e em cujo tejadilho se acumulavam garrafões e cestas...

Alguém, que se encontrava ao meu lado, logo me segredou ao ouvido: — «Vamos, vamos embora, vamos sair daqui, por causa desta gente».

Pretendi, já se vê, demonstrar que aquela gente não fazia mal a ninguém, que era simplesmente gente alegre, disposta a divertir-se, em franca camaradagem, mas, pouco depois, tive de dar a mão à palmatória, pois o entusiasmo dos excursionistas, variando na razão inversa do nível do vinho nos garrafões, começou a exteriorizar-se por palavras, ditos, atitudes, que cedo levaram as pessoas que haviam assistido à chegada do barulhento grupo, e entre elas alguns estrangeiros, a retirarem-se com manifesto aborrecimento.

Num país como o nosso, que pretende tornar-se, aliás com justiça, um «país de turismo», num país cuja gente é naturalmente comunicativa e amorável, impõe-se, a bem de todos, a reforma de certos hábitos e atitudes, a correcção da linguagem — uma reforma, em suma, quanto a cultura e educação, feita segundo um plano cuidadosamente estabelecido, e que, pouco a pouco, conduza a um mais elevado grau de valorização social.

Vivemos, como é sabido, na era das *campanhas*: «campanha do trigo», «campanha do pé descalço»..., e é fora de dúvida que dessas campanhas alguma coisa tem resultado de bom para a comunidade.

Por que não havemos de prosseguir, incluindo na já consolidada política das «campanhas», a *campanha contra o palavrão,* a *campanha contra o boato,* a *campanha contra a má educação*?...

Ainda não há muito tempo, Raúl de Caldevila apresentou em público, um interessante Manual de Civilidade, e uma senhora, há pouco também, empreendeu a edição, em várias línguas, sem esquecer a de Camões, de «Um perfeito cavalheiro», onde se encontra, largamente tratada, matéria digna de ponderaçãe e acatamento.

No fim de contas, seria uma «campanha de boa vontade», uma «campanha de respeito mútuo», na qual,—bom é frisá-lo—, não poucas entidades teriam que intervir: desde o Mestre, do alto da sua cátedra, até ao Sacerdote, nas suas práticas; desde as autoridades, civis e militares, até aos chefes das fábricas e oficinas; os advogados, os médicos, os engenheiros..., sendo a responsabilidade de cada um, na obra a realizar, tanto mais grave quanto maior o grau da sua cultura.

Não haverá quem se disponha a encetar a tarefa?

Não poderiam certas Entidades Oficiais encarar o assunto?

Não quererá o Estado tomar a iniciativa e impor a realização de empreendimento tão útil como necessário?

Ou deveremos todos *aguardar*?...

Luso, 1950.

BERTINO DACIANO.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte . . .	3.458$00
Recebemos do nosso estimado amigo sr. Jerónimo Baptista Pires Leite, para os nossos pobres e em sufrágio da alma de sua saudosa irmã sr.ª D. Maria de Belém Baptista Pires Leite.	250$00
De um Anónimo, para um chefe de família desempregado	20$00
A transportar . . .	3.728$00

Com a importância acima contemplámos diversas pessoas muito necessitadas entre elas cancerosos, tuberculosos e cegos.

O «FOLHETAS» e a Marcha Milaneza

José de Pina—o Mago desse cortejo luminoso das *Gualterianas* que a todos surpreende e deslumbra — escolheu para a execução da bonecada com as suas engenhocas um artífice habilidoso que ali na Praça de S. Tiago trabalhava no seu ofício de caldeireiro. Foi isto, há coisa de um quarto de século.

Ora, o caldeireiro tinha um rapazote, ladino, que gostava de o acompanhar para o serviço de tal bonecada. Deste jeito, e por seu gosto, o filho do caldeireiro começou de ajudar seu pai, sempre atento ao guiamestre, o Prof. José de Pina.

Anos foram sucedendo aos anos. O pai do rapazote morreu. E o Alberto Lobo, aquadrimado ao serviço dos bonecos e mais coisas da *Marcha Milaneza,* ficou a substituir o seu progenitor.

Quando chega o advento das *Gualterianas* o Alberto Lobo larga as folhetas do seu ofício, põe a sua oficina de Creixomil a meia adriça, e entrega-se à tarefa, ajustado pelos caixeiros,—os fomentadores entusiastas deste explêndido número da Festa da Cidade.

Nunca o José de Pina teve melhor executor nos trabalhos da *Milaneza,* tal o jeito e a arte com que o Alberto Lobo lhe pegava.

Se eu tivesse de dar prova desta afirmação encomiástica, não a podia ter melhor que esse *Coche Real,* o mais surpreendente carro da *Marcha Milaneza,* cuja inspiração e execução pertence integralmente ao «*Folhetas*».

Quando este carro, em 1949, surgiu triunfalmente sob a admiração e os aplausos da multidão forasteira, encontrei-me com o Alberto Lobo, o modesto artífice com oficina na rural freguesia de Creixomil. Foi no Toural que o topei, de acaso, ainda no fulgor da apoteose. Junto do Alberto Lobo estava sua mulher, mais dois filhos, amarrados à mãe. Este grupo, vulgar e singelo, desferiu, em maior grau psíquico, o meu sentimento emocional. E felicitei, comovido, o autor do curioso e engenhoso carro alegórico.

Essa exibição articulada, luminosa, de grande efeito espectacular, repetiu-se este ano, ainda para melhor—mais afinada e iluminada. E o Alberto Lobo, que não deixa de arrancar ao bestunto, quanto possa, para o êxito da *Marcha Milaneza,* deu-nos mais outro carro original—tão singularmente original, que até parecia querer oferecer-nos a fantasia do sistema planetário, em rotação cósmica.

Por detrás duma cena que se descerra, há sempre qualquer coisa, que é drama: dificuldades, resistências, que o artífice tenta vencer—sonhando.

O cérebro não produz a centelha. A chispa luminosa não surge. A ideia inédita recusa-se. Se o artista desiste às primeiras dificuldades, é o desaire. E o Alberto Lobo, teimoso, ao romper do advento *Gualteriano,* não pensa em mais nada que não seja—a bonecada e a mecânica da *Milaneza.*

Fazendo bosquejos, desenhos, combinações articuladas, tudo é pensar na sua obra. Uma pontasinha de vaidade, é de crer, o empurre para que tire do toutiço a ideia luminosa de um novo carro alegróico, uma nova bonecada, um novo efeito de colorações bisarras.

Se assim não fosse...

Bem sabemos que ele, o artífice *bate-folha,* toma de empreita, por um tanto, a execução da *Marcha Milaneza.* Pagam-lhe. Só uma coisa lhe não pagam, nem ele a mete em preço, pois não há estimativa de valor monetário para semelhante esforço: é a febre, o entusiasmo imaginativo, o amor próprio que vota no estudo de numeros novos! Ou ele não fosse, o *Folhetas,* como nós, vimaranense.

Para o êxito do grande número do cartaz *Gualteriano,* são muitos os colaboradores. O Alberto Laranjeiro, que electrificou esse cortejo luminoso, é um deles. Na homogeneidade de uma obra, há sempre astros e satélites. O pedestal da Glória, como é sabido, começa pelos caboucos. O anónimo «*Folhetas*»,—alcunha que ele o Alberto Lobo, a si próprio aplica—vale bem este destaque. Ninguém se abate, para ele subir.

O pequeno degrau desta notícia encomiástica apenas tem em vista trazer à ribalta um humilde artífice, em que tantos não reparam.

E só ele sabe as cogitações, as *magicações* do seu cérebro, para que dele saia a faísca duma engenhoca orinal para produzir a hilariedade, o sucesso, a admiração apoteótica desse cortejo luminoso, sem igual,—cortejo que o Prof. José de Pina criou, de braço dado com o saudoso P.e Gaspar Roriz, há mais de um quarto de século.

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

PAINEL DE MALAVENTURANÇAS

V

«O berço! Não há ninguém que não trema diante desta palavra. Tudo a depender dela, o bom e o mau, e a gente sem poder nada».—**Miguel Torga** *(Portugal).*

VI

Varreram-se-nos do espírito as alucinações criadas pelas obras dos poetas e artistas, do começo deste século, porque nunca em nós se acalentou a pretensão de ser poeta ou artista.

Quase todos já a morte levou e, deles, só nos resta uma imperecível saudade que os recorda e lembra a cada momento.

Nos tempos que decorrem, e após o forçado silêncio em que se pretendeu mergulhá-los, temos tido a graca de viver as horas altas da sua consagração pública—à qual não faltam o alvoroço e o aturdimento das homenagens oficiais—, para que não se nos afigure um paradoxo a intenção demolidora com que os apodaram (em falha tentativa de evidenciar uma geração que não soube impor-se senão pelos hábitos de subserviência e bajulação) e a resplendente auréola que, ora, os nimba em luaresco e maravilhoso.

Aos rapazes que, hoje, contam a nossa idade, poder-se-lhes-ia impor, segundo o critério e a inclinação de cada um, o sistema de selecção preferido pelos diversos historiadores da nossa *Literatura* e formular-lhes em pergunta o *quantum satis* que os habilita a penetrar, rápida e instantâneamente, nos mistérios dos arroubos poéticos ou artísticos dessa ilustre pléiade de Artistas do último quartel do século XIX e princípios do século XX.

O falar-lhes de *Antero, Herculano, Castilho, Garrett, João de Deus, Camilo, Júlio Diniz, Eça, Junqueiro, António Nobre, Fialho, Ramalho, Augusto Gil, Lopes Vieira, Soares dos Reis, João Penha, Sarmento, Columbano, Teófilo, Gomes Leal, Cesário, Oliveira Martins, Arnaldo Gama, Carolina Micaélis, Condes de Ficalho e Sabugosa, Bordalo, Trindade Coelho, Bernardo Pindela, Marcelino Mesquita, D. João da Câmara,* etc., etc., não constituirá surpresa de maior e julgamo-los ainda capazes de recitarem versos da sua lavra ou reproduzirem com fidelidade as passagens mais impressivas dos seus textos romanceados, cientistas, dramáticos ou novelescos.

Em seu espírito e coração existem ideias, noções e sentimentos reais quanto ao valor das suas produções.

Aos novos desta meia idade, que, podem crer, se apresentam no ar terreno como simples bípedes inofensivos, citar-lhes nomes de tamanha grandeza e marca, o mesmo será que olhar de soslaio o *Colosso de Pedralva*—exposto, ali, na benemérita *Sociedade Martins Sarmeto*—, e pretender indagar se aquele mamarracho é um lídimo achado arqueológico ou se, na sua rude apresentação escultórica, se lhes afigura qualquer *S. João-rapioqueiro* de encomenda feito.

Mais do que a falta de erudição, a ignorância dos *pi-pis* das letras modernas denuncia o ferrete acentuado da falta de escrúpulos, como se de degregados se tratasse e não de *Bertoldozinhos* deformados pela mediania da sua inteligência.

VII

—Se a noção da vida fosse examinada mais profunda e conscienciosamente, compreendida e apreciada na sua relatividade universal e, também, na sua parte hipotética, certamente que ela não seria o pálido reflexo da vida que Deus procurou proporcionar-nos, mas, sim, uma vida real, uma vida alheia a todas as excitações e excesos perigosos. Porém, infelizmente, tal não sucede. Tudo se reduz a ódio, vinganças declaradas, compreensão artificial, interpretações aberracionais e a intigação de vícios.

VIII

—Quando as ondas dos mares, encrespadas pelos ventos, jogam na sua crista o irisado florilégio das suas espuma de brancura imaculada e se quebram em deleite de mar bonançoso ou ressaltam em trejeito de sacudida ressaca, o *Mar Português,* tanto do agrado de Fernando Pessoa, não se revela aquele mar de sonho e aventura que soube seduzir a sua sensibilidade artística e pode chocar a gentilíssima inspiração desse *Poeta-Luzíada.*

Vendo-o brincalhotar no fluxo e refluxo das suas marés, o respeito devido à sua imensidade e irrequietude causa-nos pavor e desorientação e hemos que fixá-lo como a um painel das malaventuranças que só à «História Trágico-Marítima» competirá explicar e reproduzir.

—O Mar! Sonho de simi-deuses e cemitério de almas arrancadas ao sentimento dos vivos...

—O Mar! Espelho das núvens do céu e latente testemunho das grandes desgraças do mundo...

IX

Símbolos—«Cristo é ainda um símbolo em que se condensaram todos os anseios da humanidade sofredora. Ex-

FUTEBOL

Num jogo pleno de vibração e entusiasmo, o F. C. do Porto conseguiu um empate, a duas bolas, com o Vitória.

Contrariando o indiferentismo de uns e o cepticismo de outros, no passado domingo, perante numerosa e entusiástica assistência, o Vitória, apresentando uma nova formação com capacidade para melhorar o nível da equipa, não deixou os seus créditos por mãos alheias, empatando com o Futebol Clube do Porto, que a esta cidade se deslocou apoiado por enorme e «ruidosa» falange.

O jogo, autêntica partida de campeonato, apesar de ter sido disputado com virilidade, não deu motivos a reparos de maior, embora se tivesse assistido a uma ou outra «carícia» mais acentuada.

O resultado correspondeu ao andamento do jogo e traduziu nitidamente os esforços de ambos os grupos no sentido de recuperar e vincar a sua personalidade, após breves momentos de desalento.

A vitória para qualquer das partes seria de aceitar, visto as duas equipas terem tido ocasiões de fazer pender o marcador a seu favor.

Os portuenses, que alinharam com Araújo,—atleta que após prolongado interregno voltou, condicionalmente, às pugnas futebolísticas—, empregaram-se a fundo logo de entrada, procurando marcar posição no terreno vitoriano, mas o bloco defensivo vimaranense, com nota saliente para Cerqueira, não se deixou surpreender com as arremetidas do adversário, desfazendo, quase sempre com êxito, as ocasiões de perigo, sem que, contudo, lograsse eliminar a leve supremacia dos visitantes mantida durante os 45 minutos iniciais.

Neste lapso, o Porto obteve o primeiro ponto, aos 25 minutos, por intermédio de Vieira, que aproveitou bem um deslise do guardião vimaranense que, após três tentativas de defesa, largara a bola.

Depois do intervalo foi o Vitória que tomou o leme do «barco», imprimindo à luta extrema velocidade, obrigando, desta maneira, a defesa portuense a extenuante tarefa.

E assim surgiu, aos 11 minutos, a bola do empate, obtida por Mota da marcação de um livre, junto à linha da grande área, de que resultou um potente remate desferido em circunstâncias difíceis, pois os jogadores visitantes fizeram barreira à distância regulamentar, o que fazia prever uma quase impossibilidade de encaixar a bola nas redes de Barrigana.

Espevitados pelo empate, os vitorianos infiltram-se com mais frequência na zona de remate, mercê das insistentes jogadas conduzidas por Mota e Franklim, que teve excelente exibição, e que se não fora a pouca combatividade demonstrativa do seu temperamento, melhores frutos poderia dar.

Numa das ofensivas feitas pelos jogadores acima citados, o marcador foi alterado aos 24 minutos, por Brioso, que finalizou com êxito um óptimo passe de Mota.

O Porto não acusando o toque, procurou nivelar a desvantagem, fazendo várias incursões ao campo vitoriano, e quase sempre pelo mesmo flanco, o esquerdo, confiado a Alfredo, um novo recruta do Vitória, que, apesar da sua boa vontade de acertar, ainda não revelou as qualidades que são de exigir para desempenhar eficientemente o lugar que ocupa.

Aos trinta minutos o marcador sofreu novamente alteração, motivada pelo ponto feito por Araujo que, com um pontapé bem colocado e rasteiro, bateu irremediàvelmente Silva.

No capítulo da arbitragem, há só a apontar o facto do Sr. Luís Magalhães ter ligado pouca importância às faltas assinaladas pelos fiscais de linha.

Os grupos formaram:

Vitória—Silva, Costa e Alfredo; Vieira, Cerqueira e Rebelo; Correia da Mota, Brioso, Mota, Alcino e Franklim.

Porto—Barrigana, Virgilio e Carvalho; Joaquim, Alfredo e Pinto Vieira; Vital, Araújo, Monteiro da Costa, Sanfins e Vieira.

Hoje joga o Vitória na Covilhã. Boa sorte...

F. Camisão.

postos numa cruz sobre o Calvário ou acorrentados aos picos brumosos do Cáucaso, traduzem sempre a mesma aspiração de aperfeiçoamento, a mesma sede de justiça.

Filhos da dor, e como ela eternos, são hoje o que ontem foram, como existiram sempre. São eles que criam Buda e Mithra, Prometeu e Cristo, como deles nascem as modernas teorias tendentes à dignidade e emancipação humanas». **David de Oliveira.**

***

EMBAIXADOR DE PORTUGAL NO BRASIL

Toda a Imprensa Brasileira deu o maior relevo à chegada ao Rio de Janeiro do sr. Dr. António Faria, nosso ilustre conterrâneo, a propósito do qual alguns jornais que recentemente recebemos publicaram editoriais calorosos.

No editorial da «Noite» leu-se:

«A chegada do novo embaixador português junto ao Governo brasileiro vem pôr na tela das discussões uma série de problemas económicos e sociais, comuns às duas pátrias. Como muito bem frisou o ilustre diplomata, em suas rápidas palavras à «Noite», a sua maior atenção se fixará nos aspectos económicos e culturais das relações luso-brasileiras.

«Tais problemas não se regem pelas pautas comuns da economia e da política. Além do sentido prático e financeiro, neles se envolve um matiz de sentimento que não poderemos esquecer um só instante. Tradições, língua e costumes comuns dizem muito mais do que se poderia imaginar em uma fria análise de números e diagramas. A contribuição portuguesa no Brasil tem sido imensa».

Termina por afirmar que o sr. embaixador António de Faria pode estar certo de que todos os brasileiros lhe desejam um grande êxito na missão de que vem investido e no que se propõe realizar.

No editorial da «Vanguarda», diz-se que «o novo embaixador chegou num momento oportuno, pois os problemas de ordem económica continuam a desafiar a argúcia e a boa vontade dos estadistas de uma e outra margem do Atlântico».

Calçado para Homem

Deseja V. Ex.ª ser servido com garantia de fabrico?

Compre o seu calçado na SAPATARIA OLIVA, a única que lhe pode afiançar o que vende por ser de fabricação VIMARANENSE.

Sapataria Oliva
Rua de Santo António
GUIMARÃES 357

Os cães
e os nossos Jardins

Os nossos Jardins, mercê dos cuidados muito para louvar do Município, estão lindíssimos e são tratados por pessoal competente.

Merece referência o facto, visto que tão acertada medida denota bom gosto e dá à cidade um aspecto de frescura e de asseio.

E' só para lamentar que os cães, tanto de dia como de noite, mas agora principalmente de noite, por ser talvez melhor ocasião para andarem à solta, apareçam nos jardins a destruir os canteiros, inutilizando as flores e ocasionando, por isso, além da contrariedade, nova e avultada despesa.

A Câmara Municipal tem tomado, e muito bem, medidas enérgicas para pôr termo à nefasta acção dos cães vadios, mas, mesmo assim, eles aparecem e vão fazendo das suas...

E' necessário, portanto, que os donos dos cães também tomem as suas providências no sentido de evitarem que os mesmos andem à solta pela cidade, certos de que, se assim fizerem, prestarão o concurso que lhes compete ao Município e um indispensável serviço à Cidade.

Rotary Clube de Guimarães

Voltou a reunir no passado dia 22 o Rotary Club de Guimarães, tendo-se a reunião efectuado, com bastante concorrencia, em casa do componente do Clube sr. Aprigio da Cunha Guimarães, no importante centro industrial do Pevidém, sob a presidência do sr. Leandro Martins Ribeiro, secretariado pelo sr. José Machado Teixeira.

Depois de aberta a sessão foram apresentadas curiosas «actualidades» e fez uma descrição da evolução por que tem passado desde 1900 para cá a indústria de pentes, o sr. José Machado Teixeira.

A palestra regulamentar foi proferida pelo sr. Dr. José Gonçalves e intitulou-se «*As vítimas inocentes da raiva*». Trabalho breve mas revelador dos seus altos conhecimentos de medicina veterinária, foi escutado por todos os assistentes com o maior interesse

No decorrer da sessão foi ainda prestada homenagem ao saudoso senhor Francisco Inácio da Cunha Gúimarães e saudados os rotários do Pevidem, todos presentes à sessão.

Feita a breve censura da reunião pelo sr. Antonino Dias de Castro e depois de o sr. Aprígio da Cunha Guimarães haver agradecido a homenagem prestada a seu pai e as referencias que a si foram feitas, o sr. Presidente deu a sessão por encerrada, após ligeiras considerações que fez pela maneira como ela decorreu.

Laboratório de análises

A Sociedade «Fiscalização Particular de Géneros Alimentícios Lda, de que é director o sr. Paulo Augusto Mendes, inaugurou na passada quarta feira nesta cidade, no Largo Martins Sarmento n.º 86-88 1.º um Laboratório de Análises que vai começar a funcionar, sendo privativo dos seus associados a quem faz todas as análises gratuitamente. Ali se podem tambem fazer análises particulares, mediante a devida remuneração.

Trata-se de um melhoramento muito apreciável para a nossa terra.

Agradecemos o convite que recebemos para o acto inaugural.

O Concurso Pecuário
das Festas da Cidade

Na passada sexta-feira, 15 do corrente, a Direcção do Grémio da Lavoura de Guimarães avistou-se com o sr. Presidente da Câmara, no seu gabinete, agradecendo-lhe a concessão do subsídio de 5.000$00 para prémios e despesas do Concurso Pecuário que aquele organismo agrícola levou a efeito no passado dia 5 de Agosto, por ocasião das Festas da Cidade.

da cidade

BOLETIM ELEGANTE

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 26, a sr.ª D. Maria Joaquina Pinto e a menina Maria da Piedade de Carvalho Melo; no dia 27, os nossos prezados amigos srs. João Teixeira de Aguiar e J. Diamantino de Sousa Santos; no dia 28, o nosso prezado amigo sr. João Gualdino Pereira; no dia 29, a sr.ª D. Maria da Glória Rocha dos Santos e os nossos bons amigos srs. dr. Mário Dias Pinto de Castro, Francisco Vilarinho, residente em Lisboa e Francisco Ribeiro de Faria; a menina Maria de Lourdes Ferreira de Magalhães e o menino José Manuel Carvalho de Melo; no dia 30, o nosso bom amigo sr. Domingos Augusto Sampaio Mendes da Cunha; no dia 1 de Outubro, a sr.ª D. Adelina Soares Ribeiro Laranjeiro dos Reis, esposa do nosso bom amigo sr. José Laranjeiro dos Reis.

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

No passado dia 20 fez anos a nossa gentil patrícia e laureada académica D. Maria Fernanda Machado Teixeira, filha do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. José Machado Teixeira e de sua esposa senhora D. Beatriz da Silva Teixeira.

Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Do Luso regressou ao Porto o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. Dr. Bertino Daciano.

—Têm andado em digressão pelo estrangeiro os nossos bons amigos e distintos clínicos srs. Dr. João António de Almeida e Dr. João Afonso de Almeida.

—Com sua família regressou a esta cidade o distinto advogado notário e nosso bom amigo snr. Dr. Eduardo Borges de Mascarenhas.

—Parte na próxima semana para as Termas de Monfortinho o nosso bom amigo e importante industrial do Pevidém snr. Aprígio da Cunha Guimarães.

—No passado domingo esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa a Snr.ª D. Violante Vilaça Ferreira, o nosso prezado amigo snr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira.

—Regressou de Carvalhelhos à sua Casa em Vizela o nosso prezado amigo snr. Damião de Sousa Oliveira.

—Retirou para a Suiça afim de retomar os seus estudos o nosso estimado conterraneo sr. Luís Manuel da Silva Carvalho.

—Esteve nesta cidade acompanhado de sua Esposa o nosso prezado amigo snr. Francisco Vilarinho, estimado Solicitador em Lisboa.

—Tem estado a veranear com sua familia na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo snr. Constantino da Costa Lameiras.

—Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo snr. Pedro Pereira de Freitas.

—Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo snr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

—Com sua Esposa retirou para Gouveia, de onde seguirá para Lisboa, o nosso prezado conterraneo e Amigo o distinto Magistrado, senhor Desembargador António Carneiro, que teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, o que sobremaneira nos penhorou e nos cumpre agradecer.

Baptizado

Na paroquial de N.ª S.ra da Oliveira baptizou-se no domingo uma filhinha da Snr.ª D. Maria da Conceição Fernandes F. Martins e do snr. José Ferreira Martins, a quem foi dado o nome de Maria Isabel.

Foram padrinhos o snr. Alberto Pimenta Machado Junior e sua esposa a snr.ª D. Maria Natália Costa Pimenta Machado.

Doentes

Tem passado doente o nosso estimado amigo snr. António de Sousa Lima, a quem desejamos breve restabelecimento.

—Com sua família regressou a Lourenço Marques o nosso prezado amigo snr. João da Silva Antunes.

—Parte para a Beira, por estes dias com seus filhos a snr.ª D. Nídia Pereira Guimarães.

Desejamos-lhes boa viagem.

—Tem estado nas suas propriedades de Santo Amaro o virtuoso sacerdote e nosso prezado amigo snr. P.e José Ferreira Leite.

DIVERSAS NOTÍCIAS

Agressão covarde

Quinta-feira, 24 do corrente, pelas 14 horas, num estabelecimento da Rua da Rainha, desta cidade, após insultos e impropérios, e quiçá num ataque de nevrose histérica, deu-se uma agressão covarde contra a qual levantamos o nosso mais enérgico e veemente protesto, aliás secundado por todas as pessoas que do insólito facto tiveram conhecimento.

Agredido e agressor são muito conhecidos no nosso meio social. Só lamentamos se aproveitem serviços de pessoas com o estofo moral do agressor.

Comemoração do Estatuto Nacional do Trabalho

A Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil do Distrito de Braga, com sede nesta cidade, resolveu comemorar na sua sede, o 17.º aniversário da data da publicação do Estatuto do Trabalho Nacional, presidindo ao acto o Delegado do I. N. do T. sr. Dr. Mário Roseira. No próximo numero nos referiremos ao acontecimento.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Criança colhida por uma caminheta

A caminheta n.º L. C. 16-12, da Empresa Esteves, Braga & Andrea, que faz carreira entre esta cidade e a cidade de Braga, guiada por Francisco Mendes, casado, de 44 anos, motorista, no lugar de Caneiros, freguesia de Santa Eulália de Fermentões, colheu mortalmente o menor de 8 anos, João de Magalhães, filho de Bernardino de Magalhães e de Rosa Maria da Silva, natural e residente naquele lugar, o qual, na ocasião da passagem da viatura inadvertidamente e sem prestar qualquer atenção ao trânsito tentou atravessar a estrada do lado esquerdo para o direito, indo de encontro à caminheta, não sendo possível ao motorista evitar o acidente, apesar de ter aplicado os travões de tal modo que a viatura parou no espaço de um metro.

A triste ocorrência, que causou impressão em todos que a presenciaram, foi comunicada à P. V. T., que, perante o depoimento e testemunhas, verificou não ter havido qualquer culpabilidade por parte do motorista.

FALECIMENTOS E SUFRÁGIOS

Maria de Lourdes Vasconcelos Teixeira

Na residencia de seus pais, a snr.ª D. Joaquina Fernandes Teixeira de Vasconcelos e o snr. Tenente Benjamim Magalhães de Vasconcelos, à rua da Caldeirôa, finou-se na esperançosa idade de 21 anos a menina Maria de Lourdes Vasconcelos Teixeira, aluna da Escola Industrial e Comercial de Guimarães.

O seu inesperado falecimento foi bastante sentido, tendo-se efectuado o funeral na sexta-feira à tarde para o Cemitério da Atouguia, com numeroso acompanhamento, tendo sido colocado sobre o ataude *bouquets* e ramos de flores com sentidas dedicatórias.

A toda a familia dorida, especialmente aos desolados pais, apresentamos sentidas condolencias.

Aniversário Funebre

Completou-se no passado dia 18 o primeiro aniversário do desaparecimento, no Rio de Janeiro para onde havia ido residir em companhia de seu filho o snr. António Joaqzim Fernandes, o saudoso vimaranense snr. José Joaquim, que foi competente Mestre Fiandeiro, pessoa que, pelas suas qualidades de trabalho e de caracter, soubera conquistar a simpatia de toda a gente.

Um ano após a sua morte evocamos saudosamente a sua memória.

Missa do 30.º dia

No próximo dia 30 às 8,30 horas será resada na Capela de Nossa Senhora da Guia a missa do 30.º dia por alma do nosso pranteado amigo sr. António Leão Martins.

VIDA CATÓLICA

A festa à Senhora da Guia no próximo ano

A Comissão de Senhoras para a festividade em honra de N. Senhora da Guia, ficou assim constituída: Juíza, D. Maria de Oliveira Guise F. Leite; Mordomas, D. Maria da Conceição Fernandes Martins, D. Elvira de Jesus Gonçalves, D. Guilhermina Salgado Mendes, D. Agueda Fernandes, D. Leocádia Ferreira das Neves, D. Odete Pinto Matos, D. Emília da Costa Faria, D. Isolete Ribeiro Pinto e D. Maria Martins.

N.ª S.ra do Rosário em Gondar

No 1.º domingo de Outubro realisa-se na freguesia de Gondar, com toda a solenidade, a festa em honra de N.ª S.ra do Rosário e que constará de Missa Solene e Procissão, havendo tambem animado arraial com música e outras diversões.

Teatro Jordão

HOJE, Ás 15 E 21,30 HORAS

APRESENTA

A maior tragédia de todos os tempos!

ELECTRA

com

Rosalind Russell e *Raymond Massey.*

Mãe e filha rivais no amor!... ódio cego e loucas paixões dominam uma orgulhosa família! Mãe e filha apaixonadas pelo mesmo homem!

TERÇA-FEIRA, 25 — Ás 21,30 HORAS

O mais hilariante filme dos últimos tempos!

Os Três da Vida Airada

com

Pasqual, Maurice Baquet e *Colette Sommet.*

QUINTA-FEIRA, 28 — Ás 21,30 HORAS

Três grandes estrelas num drama soberbo!

NÃO ME ABANDONES

com

Ida Lupino, Errol Flynn e *Eleanor Parker.*

Um espectáculo maravilhoso!

SÁBADO, 30 — Ás 21,30 HORAS

EM SESSÃO POPULAR

Cavaleiros do Diabo

BREVEMENTE: 485

O melhor filme do ano!

DUELO AO SOL

VENDEM-SE 5 teares manuais com máquina Jacquard, 1 urdideira horizontal, licença condicionada para algodão, seda, linho e mistos, licença para tinto e vários utensílios. Informa-se nesta Redacção. 438

EXCURSÃO
à VENEZA DE PORTUGAL

a realizar em 28 e 29 de Julho de 1951. Inscrição aberta até 8 de Outubro do ano corrente. Cota semanal, 7$50; mensal, 30$00 (mês de 4 semanas). Informa na *Leitaria Moderna* o sr. **Oliveira**, chaufeur de «A Recoveira». Todas as despesas incluídas. 436

Explicações Pessoa devidamente habilitada e com muita prática lecciona a meninos e meninas para Liceu. Curso Comercial e Industrial, Exames de admissão ao Liceu e Curso Comercial. Exames para o 1.º e 2.º graus de Instrução Primária. Pedir informações nesta Redacção, telefone n.º 4313. 434

PENSÃO
PARA ESTUDANTES

Aceitam-se, em casa particular, meninas ou meninos que frequentem o Liceu.

Informa-se na nossa redacção. 431

VENDE-SE

Moinho de café, manual, em bom estado e preço.

Também se vende estantaria de madeira, em bom estado de conservação. 432

Informa-se nesta redacção.

ATENÇÃO!

Casa particular de respeito aceita estudantes meninas ou meninos. 414

Esta Redacção inforam.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

Rua da Restauração, 318 — PORTO

AVISO

Manifesto de Produção de Vinhos Verdes e Vinhos de Produtores Directos

Em conformidade com o estabelecido no Regulamento da Produção e Comércio dos Vinhos Verdes, Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929, e Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944, e mais legislação em vigor,

TORNA-SE PUBLICO:

Que, todos os Viticultores da área demarcada dos Vinhos Verdes, sejam Proprietários, Usufrutuários, Arrendatários ou Possuidores por qualquer título legítimo, ficam obrigados a fazer o manifesto de produção dos seus vinhos — verde tinto, verde branco e de produtores directos — da presente colheita, até ao dia 5 de Novembro do corrente ano.

Que, os Viticultores devem declarar no manifesto, separadamente, quais as quantidades de vinho que destinam para a venda e para consumo da sua casa agrícola e indicar também quais os saldos de colheitas anteriores ainda existentes nas adegas.

Que, a importância a pagar, no acto deste manifesto, é de $00,5 por cada litro de vinho produzido — verde tinto, verde branco e de produtores directos —, sob pena de multa de $05 a 1$00 por cada litro de vinho eximido ao pagamento desta taxa, podendo essa multa, no caso de reincidência, ser substituída pela apreensão do vinho e vasilhame. (Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944).

Que, a falsidade dos manifestos consiste em se declarar como produtores pessoas diferentes do verdadeiro viticultor e como produzidas e destinadas à venda quantidades diferentes das realmente produzidas e destinadas à venda.

Que, é proibido aos Viticultores disporem dos seus vinhos verdes, que destinarem para a venda, sem darem Baixa, nos respectivos manifestos, das quantidades que venderam, consumiram, ou, que se tornaram impróprias para consumo público, sob pena de multa de $05 por litro de vinho em transgressão. (Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929).

Que, é igualmente proibido aos Viticultores fazerem eles próprios a condução dos seus vinhos sem os haverem prèviamente documentado com guias de trânsito ou certificados de origem, sob pena da multa de 1$00 por cada litro de vinho verde encontrado em trânsito indocumentado. (Decreto-Lei n.º 16.684 de 22 de Março de 1929).

Que o Decreto-Lei n.º 28.783, de 23 de Junho de 1938, proibe a venda e o trânsito de vinho de produtores directos ou lotados com estes.

Os referidos vinhos, quando encontrados nos lugares de venda ou noutros, com destino ao consumo público, serão apreendidos e desnaturados, e encerrados os estabelecimentos de venda, em que for encontrado o vinho ou aos quais se destinar, pelo praso de um mês; e, em caso de reincidência, por três meses.

Quem tiver lançado no consumo público vinhos de produtores directos, ou lotado com estes, embora o vinho não seja encontrado, incorre na multa igual ao valor do vinho, se a quantidade for conhecida, ou na multa de **Esc. 500$00 a 5.000$00** conforme as circunstâncias.

Incorrem na mesma pena os que tiverem transportado o vinho de produtores directos ou lotado com estes.

Torna-se ainda público:

Que, compete ao comprador de vinhos pagar a taxa de $02 por cada litro de vinho verde transaccionado, sob pena de multa de $05 a 1$00 por cada litro de vinho, podendo esta multa, no caso de reincidência, ser substituída pela apreensão do vinho e vasilhame. (Decreto-Lei n.º 34.054 de 21 de Outubro de 1944).

Que, os vinhos verdes não podem, legalmente, transitar, ser expostos à venda, exportados, etc., sem que as respectivas remessas estejam devidamente documentadas com guias de trânsito ou certificados de origem, documentos estes que são emitidos, por Delegações da Comissão de Viticultura, nos Grémios da Lavoura.

Porto e Sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 20 de Setembro de 1950.

PELA COMISSÃO EXECUTIVA,

O Presidente,

Manuel de Espregueira e Oliveira.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO* com *Armazém de Retem e Depósitos* (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: *R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903*

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

MÁQUINAS DE ESCREVER E SOMAR "UNDERWOOD"
MÁQUINAS DE CALCULAR "BRUNSVIGA"

AGENTE EM GUIMARÃES

João Maria M. de Sequeira Braga

Comissões, Consignações e Representações

RUA FRANCISCO AGRA, 117

TELEFONE, 4392 417

CONSTRUTOR CIVIL

TRATA TODA A ESPÉCIE DE CONSTRUÇÕES CIVIS

Trata com chave na mão

ESPECIALIZADO EM BETÃO ARMADO

Excelso Correia & Sobrinho

TELEFONE, 202 336

LANHELAS (Minho)

Câmara Municipal de Guimarães

CONVOCAÇÃO

João Maria Rodrigues Martins da Costa, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães.

Em face da impossibilidade de se efectuar a sessão ordinária do Conselho Municipal no dia de hoje, 15 do corrente, por falta de número legal de vogais, designo o dia 29 deste mês, pelas 15 horas, para a sua realização.

E para constar mandei dactilografar o presente aviso que vai ser afixado nos locais do estilo.

Paços do Concelho de Guimarães, 15 de Setembro de 1950.

O Presidente da Câmara Municipal,

João Maria Rodrigues Martins da Costa.

ARMAS DE CAÇA

NOVAS

Vende com facilidades de pagamento (11 prestações)

DAS ACREDITADAS MARCAS

Sarrasqueta — Ugartechea — Arrieta, etc.

O Armeiro

Umberto G. Pinheiro

GUIMARÃES 419

FOGÃO

EM BOM ESTADO

Vende-se circular, com 2 fornos, para assar, com duas estufas, serpentina e cilindro em cobre para água quente, próprio para Hotel, Pensão ou casa de movimento.

Falar a José Rodrigues — Travessa dos Bimbais — Guimarães. 420

Calçado para Senhora

A SAPATARIA OLIVA aguarda uma visita de V. Ex.ª para ter a honra de lhe apresentar as últimas criações da MODA.

Sapataria Oliva

Rua de Santo António

GUIMARÃES 356

Motores VAP

para bicicletes

Esmagadores - Prensas

Ferramentas e alfaias agrícolas

AOS MELHORES PREÇOS

L. Nunes Pinto

À FEIRA DO PÃO

CASA -- Vende-se

Com 13 divisões, sita no Largo 1.º de Maio n.º 9, desta cidade.

Para tratar, com Luís Teixeira Pinto, ao Largo 28 de Maio — Guimarães. 421

AGENTE

De comércio especificado encarrega-se de todos os trabalhos de Reparações em Máq. de escrever, calcular, registadoras, fotográficas, Aparelhos de T. S. F., Aparelhos eléctricos de uso doméstico — Montagem de Antenas — Campainhas eléctricas.

CAMPO DA FEIRA, 42
GUIMARÃES

BILHARES Vendem-se 3, juntos ou separados. Falar no Café do Toural. 488